



Dei Verbum



Realização: Associação Filhos de Jesus e Maria, Comunidade de Aliança e Vida (Distribuição gratuita) Edição: Setembro / Outubro - 2010

AMAR A DEUS SOBRE TODAS AS COISAS. EIS O PRIMEIRO MANDAMENTO.

Deus é amor (1 Jo 4, 16). Deus criou-nos por amor tirou-nos do nada para que pudéssemos amar. O amor é a lei suprema do cristianismo: “Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todo o teu entendimento”.

Toda a santidade, toda a perfeição de uma pessoa consiste em amar a Jesus Cristo, nosso Deus, nosso maior bem, nosso salvador. Jesus Cristo mesmo disse: “Quem me ama será amado por meu Pai”.

Por acaso, não merece Deus todo nosso amor? Ele nos amou eternamente: “Amo-te com um amor eterno” (Jr 31, 3). Deus disse ao homem: “Olhe, fui eu o primeiro a amar você. Você não estava ainda no mundo. O mundo nem existia, e eu já o amava. Eu amo você desde que sou Deus. Amo você, e desde que amei a mim mesmo amei também você!”.

Quero atrair os homens a me amar, com aqueles laços com que se deixou prender, isto é, laços de amor que são exatamente todos os dons feitos por Deus aos homens. Dotou-os de alma com potências perfeitas a sua imagem, memória, entendimento e vontade. O corpo com seus sentidos. Depois criou o céu, a terra e tantas outras coisas, todas por amor ao homem. Céus, estrelas, planetas, mares, rios, fontes, montanhas, metais, frutas e tantas espécies de animais. Deus criou tudo para o homem e quer que este o ame sobre todas as coisas em agradecimento por tantos dons.

Santo Agostinho exclamava: “O céu e a terra e todas as coisas me dizem que devo amar-vos. Senhor meu, as coisas que vejo na terra e acima da terra me falam e me exortam a vos amar. Todas me dizem que as fizestes por amor a mim”.

Dizia Santa Tereza: “Olhando as árvores, as fontes, os regatos, lagos e campos, todas as belas criaturas me lembram a minha ingratidão por amar tão pouco o criador. Criou-as para ser amado por mim”.

Deu-nos seu Filho:

Mas Deus não se contentou em dar-nos estas belas criaturas. Além disso, para cativar todo o nosso amor, ele deu-se a nós em todo o seu ser. Deus Pai chegou ao extremo de nos dar seu próprio Filho: “Deus amou de tal modo o mundo que lhe deu seu Filho único”(Jo 3, 16). “Mas Deus que é rico em

misericórdia, pelo excessivo amor com que nos amou, quando estávamos mortos por nossos pecados, nos vivificou juntamente com Cristo” (Ef 2, 4-5).

Dando-nos o Filho, deu-nos todos os bens: Sua graça, seu amor, o céu. Todos esses bens são certamente menores que o Filho de Deus!

O Filho de Deus, pelo amor que nos tem, deu-se também todo a nós: “Amou-nos e se entregou a si mesmo por nós” (Gal 2-20).

Fez-se homem, vestiu-se de carne por nós.

“O Verbo se fez carne” (Jo, 1, 14). Para nos remir da morte eterna, recuperar-nos a graça divina, o paraíso perdido. Eis aqui um Deus aniquilado! “Esvaziou-se a si mesmo e assumiu a condição de servo tomando a semelhança humana” (Fl 2,7). O Senhor do mundo humilhou-se até tomar a forma de servo. Sujeitou-se a todas as misérias que os homens padecem.

Escolheu uma vida de aflições e desprezos e uma morte cruel e vergonhosa.

Morreu numa cruz, destinada aos criminosos: Humilhou-se ainda mais e foi obediente até a morte, e morte de cruz. Tudo para nos demonstrar seu amor. “Amou-nos e se entregou por nós”. Amou-nos e porque nos amava, entregou-se nos braços da dor, da vergonha, da morte mais dolorosa que algum homem já suportou na terra.

São Paulo, apaixonado por Cristo, diz com razão: “A caridade de Cristo nos constrange”. E ele se refere não tanto ao que Cristo sofreu, mas ao amor que nos mostrou nos seus sofrimentos. **É isto que nos obriga e quase nos força a amá-Lo.** Sobre isso diz São Francisco de Sales: “Jesus Cristo, verdadeiro Deus, amou-nos até sofrer por nós a

morte na cruz”. Não é isto como que ter nosso coração debaixo de um prensa? Como que senti-lo apertar com vigor e espremer amor com uma força que é tanto mais forte quanto mais amável? Por que não abraçamos Jesus Cristo crucificado para morrer na cruz com ele? Ele quis morrer nela por nosso amor. Eu o abraçarei, deveríamos dizer, e não o abandonarei jamais. Morrerei com ele, abraçar-me-ei nas chamas de seu amor. Um mesmo fogo consumirá este divino criador e a sua miserável criatura. Cristo se dá todo a mim e eu me entrego todo a Ele. Vivereis e morrerei sobre seu coração: Nem a vida, nem a morte me separarão dele. Ó amor



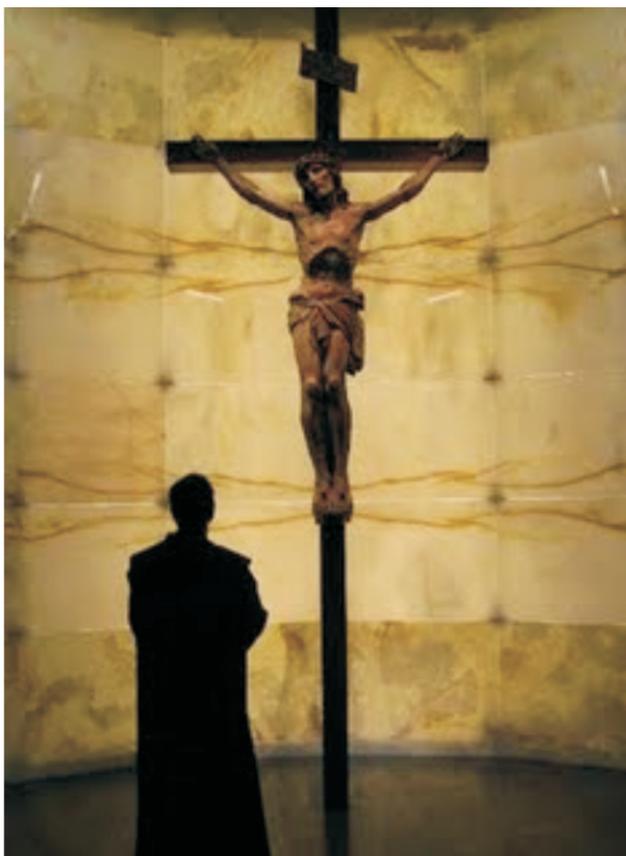
eterno, minha alma vos busca e vos acolhe para sempre. “Vinde Espírito Santo, inflamai os nossos corações no vosso amor. Ou amar, ou morrer”!

Morrer a qualquer outro amor para viver no amor de Cristo. Salvador dos homens, fazei que cantemos eternamente: “Viva a Jesus quem amo”.

O amor de Jesus Cristo aos homens era tanto que desejava a hora de sua morte. Queria dar aos homens uma última prova de amor, morrendo por eles numa cruz, consumido de dores.

Se a fé não nos garantisse, quem poderia crer que Deus Onipotente, Senhor de tudo, quis amar tanto o homem parecendo até ficar fora de si, por amor de nós? São Lourenço Justiniano dizia: “Vimos a própria sabedoria, o verbo eterno enlouquecido por excessivo amor pelos homens”.

Contemplando o crucifixo, Santa Maria Madalena de Pazzi exclamava admirada: “Sim Jesus, vós estais louco de amor. Eu o digo e sempre direi, estais louco de amor.”



É preciso enxergar o amor de Jesus por cada um de nós quando contemplamos na cruz. Ficaríamos abrasados à vista das chamas que se encontram em nosso Redentor. (São Francisco de Sales).

As chagas de Jesus Cristo ferem os corações mais duros e aquecem as almas mais frias, com suas fechas de amor ferem os corações mais insensíveis: com as chamas de amor do seu coração ardente aquecem os corações mais frios. Quantas cadeias saem do lado ferido e prendem os corações mais endurecidos! (São Boaventura).

Inteligência alguma compreenderá o quanto arde esse fogo no coração de Jesus Cristo. Assim como lhe foi mandado sofrer uma morte, do mesmo modo, se lhe tivesse sido ordenado que sofresse mil mortes, Ele teria amor bastante para sofrê-las todas. Foi lhe imposto sofrer por todos os homens; mas se lhe fosse pedido, faze-lo pela salvação de um só, tê-lo-ia feito do mesmo modo que o fez por todos. Assim como esteve três horas na cruz, se fosse necessário estar nela até o dia do juízo ele teria amor para o fazer. Jesus Cristo amou muito mais do que sofreu.

Ó amor Divino foste maior do que exteriormente

vos mostrastes. Mostrastes-vos grande exteriormente, porque tantas chagas e feridas nos falam de um grande amor. Mas não dizem toda a sua grandeza. Interiormente fostes maior do que exteriormente. Vós manifestastes, vossas dores físicas foram, apenas, uma fálscia que saiu daquela grande fornalha de imenso amor.

O maior sinal de amor é dar a vida pelos amigos. Contudo não foi um sinal que bastasse a Jesus Cristo para exprimir seu amor por nós.

Esse amor, quando se dá a conhecer faz as pessoas boas saírem de si e ficarem estarecidas. Por isso as pessoas sentem afervorar o coração, desejam o martírio, alegram-se no sofrimento, tem alívio nos grandes sofrimentos, regozijam-se com o que o mundo teme, abraçam o que o mundo detesta. Para uma pessoa unida a Cristo na cruz diz Santo Ambrósio - “Nenhuma coisa é mais consoladora e gloriosa do que trazer consigo os sinais de Jesus crucificado.

Como retribuir:

Como vos pagarei ó Cristo, esse vosso amor? É justo que sangue se pague com sangue. Seja eu banhado com esse sangue e cravado nessa cruz. Recebe-me também em teus braços, ó Santa Cruz. Alarga-te coroa de espinhos, para que eu coloque em ti minha cabeça. Cravos deixai as mãos inocentes de meu Senhor e transpassai meu coração de compaixão e amor. Jesus, diz São Paulo, que vossa morte foi para que vos apoderásseis dos vivos e dos mortos, não pelos castigos, mas pelo amor: “Cristo morreu e ressuscitou para ser o Senhor dos mortos e dos vivos”.

Roubador dos corações a força de vosso amor estraçalhou nossos corações tão duros. Inflamastes todo o mundo no vosso amor. Senhor da sabedoria, inebriai nossos corações com esse vinho, abrasai-os com esse fogo, feri-os com essa flecha de vosso amor. A vossa cruz é arco e flecha que ferem os corações.

Ó grande amor o que fizestes? Vieste para curar e me feristes? Vieste para me ensinar a viver e me tornastes semelhante a um louco? Ó sábia loucura, não viva eu mais sem vós! Senhor, quando vos vejo na cruz, tudo me convida a amar: o madeiro, a vossa pessoa, as feridas de vosso corpo. Tudo me convida a vos amar e não me esquecer mais de vós” (São João de Ávila)

Para se chegar ao amor perfeito de Cristo é preciso empregar os meios adequados. Eis os meios que nos ensina Santo Tomás:

I - Recordar-se continuamente dos benefícios divinos, gerais e particulares.

II - Considerar a infinita bondade de Deus que está sempre nos fazendo o bem. Sempre nos ama e procura ser amado por nós.

III - Evitar com cuidado tudo o que o desagradar, por mínimo que seja.

IV - Renunciar a todos os bens sensíveis deste mundo: riquezas, honras e prazeres dos sentidos.

Por fim meditar sua paixão é muito poderoso para obter o perfeito amor a Jesus Cristo (Pe. Thauler)

Quem pode negar que a devoção a paixão de Jesus Cristo é a devoção mais útil, a mais terna e a mais cara a Deus? Devoção que mais consola os pecadores e mais anima as pessoas que amam? De onde recebemos tantos bens, senão da paixão de Cristo? De onde temos a esperança de perdão, a força contra as tentações, a confiança de chegar ao paraíso? De onde vem tantas luzes da verdade, tantos convites de amor, tantos estímulos para mudar de vida, tantos desejos de nos doar a Deus, senão da paixão de Cristo? São Paulo tem razão de chamar de condenados aqueles que não amam a Jesus Cristo.

“Se alguém não ama o Senhor, seja condenado”.

“Se quereis progredir no amor de Deus, meditai todos os dias a Paixão do Senhor. Nada contribui tanto para

a santidade das pessoas como o Paixão de Cristo” (São Boaventura).

Santo Agostinho dizia: “Vale mais uma lágrima derramada ao lembrar da Paixão do que o Jejum a pão e água, em cada semana”. É por isso que os Santos se ocupam tanto em meditar as dores de Cristo.

São Francisco tornou-se um grande santo com esse meio. Um dia foi encontrado chorando e gritando em alta voz. Perguntaram-lhe o porquê. - “Choro as dores e humilhações do meu Senhor. O que mais me faz chorar é que os homens, por quem Ele sofreu tanto, vivem esquecidos dele.” Por isto exortava seus confrades a pensar sempre na paixão de Jesus Cristo.

“Quem não se enamora de Deus, vendo Cristo morto na cruz, não se aborará jamais.”

“Sabendo Jesus que chegara, sua hora de passar deste mundo para o Pai, tendo amado os seus que estavam no mundo amou-os até o fim” (Jo 13,1)

Nosso Salvador, sabendo ter chegado a hora de partir deste mundo, antes de morrer por nós, quis deixar-nos a maior prova possível de seu amor. Foi precisamente este dom do Santíssimo Sacramento. Nos deixaste em memória de vosso amor o vosso corpo, o vosso sangue, a vossa alma, a vossa divindade, vos mesmos, todo sem reservas. Derramou, neste dom da eucaristia, todas as riquezas do amor que reservastes para os homens. Não satisfeito em dar sua vida por nossa salvação quis fazer obra maior: Dar-vos como alimento o seu próprio corpo. Não deixando desta forma nenhuma dúvida do seu amor por nós.

Ficando bem claro que nos ama e ama muito.

A Eucaristia não é só garantia do amor de Jesus Cristo, mas é também garantia do paraíso que Ele nos quer dar ... no qual, nos é dada a garantia da glória futura.

“Tomai e Comei”



Com que ardor deseja Jesus Cristo vir a nós pela Santa comunhão! “Desejei ardentemente comer esta páscoa convosco antes de sofrer”.

Jesus quis ficar na aparência de pão e vinho. Pensou em todos nesta escolha pois é um alimento de baixo custo fácil de encontrar em todos os lugares para que todos pudessem ter acesso a Ele.

Nos exorta com vários convites, animando-nos a recebe-lo: “Vinde comer o pão e beber o vinho que vos preparei. Comei amigos e bebei”. Impõe-nos ainda como preceitos: “Tomai e Comei: isto é o meu Corpo”. Atrai-nos ainda com promessa do paraíso para que o recebamos: “Quem come a minha carne, tem a vida eterna, quem come

este pão viverá para sempre”. Ameaça nos com o inferno, com a exclusão do céu, se nos recusarmos a comungar”: Se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós.” Estes convites, promessas e ameaças nascem todas do grande desejo que ele tem de vir a nos neste sacramento e permanecer conosco. Isto fez o imenso amor de Deus para com os homens. Deus não só se dá a eles no reino eterno mas já neste mundo se deixa possuir pelo homens na união mais íntima possível. Dá-se a nós sob a aparência de pão no sacramento da Eucaristia. Ainda que não o vejamos Ele lá esta realmente presente para deixar-se possuir por nós mas se esconde para que o desejamos. Enquanto não chegarmos até o paraíso Jesus Cristo quer dar-se todo a nós e esta intimamente unido conosco. Santo Tomás de Aquino “Quem come a minha carne permanece em mim e eu nele”. Na comunhão Jesus une-se à pessoa e a pessoa a Jesus. Em nenhuma outra ação se pode considerar o Salvador mais carinhoso, mais amoroso do que nesta. Aniquila-se, por assim dizer, e se reduz a alimento para penetrar nas almas e se unir aos corações de seus fieis. Quis, por seu amor ardente impor nós que nos tornemos uma só coisa com ele. Tornando nossos corações um só com o vosso inseparadamente unido sendo assim o seu último grau de amor.

O Pai eterno pôs nas mãos de Jesus Cristo todas as suas riquezas divinas. Por isso quando Cristo vem a nós na comunhão trás consigo imensos tesouros de graças. Uma pessoa que recebeu bem a comunhão, pode dizer: “Com ela me vieram todos os bens” A Eucaristia tem o poder de santificar as pessoas mais do que todos os outros meios espirituais.

Que mistérios de amor e de esperança são para nós a paixão de Jesus Cristo e o Sacramento da Eucaristia! Mistérios que se a fé não nos garantisse, quem poderia acreditar? Um Deus onipotente fazer-se homem derramar todo o seu sangue e morrer de dor numa cruz! Para que? Para pagar a dívida dos nossos pecados e salvar-nos a nós miseráveis rebeldes. E depois, para unir-se mais estreitamente a nós, ele quis dar-nos em alimento e seu próprio corpo, um dia sacrificado por nós na cruz. Como estes dois mistérios deveriam incendiar de amor todos os corações dos homens! Que pecador por pior que seja, arrependido do mal que fez poderá desesperar do perdão, vendo um Deus assim apaixonado pelos homens e inclinado a misericórdia.

São Paulo nos exorta: “Aproximemo-nos com confiança do trono da graça a fim de conseguirmos misericórdia e alcançar a graça de uma ajuda oportuna”! O trono da graça é a cruz que Jesus distribui suas graças, mas é preciso recorrer logo para encontrarmos o auxílio oportuno para a nossa salvação. Virá depois talvez o tempo em que não mais poderemos encontrá-lo! Abracemos, pois logo a cruz de Cristo, com grande confiança!

Não nos desanimem nossas misérias: em Jesus Cristo crucificado encontraremos para nós toda a riqueza, toda a graça. “Nele recebestes todos os dons...nenhum dom vos falta.”

Os merecimentos de Cristo nos tornaram ricos de todos os tesouros divinos e fizeram nos capazes de todas as graças que necessitamos.

Quanto devemos amar a Jesus Cristo.

Jesus Cristo, sendo Deus, merece todo nosso amor. Ele nos amou de tal modo que nos colocou por assim dizer na necessidade de amá-lo ao menos por gratidão por tudo o que fez e padeceu por nós. Muito nos amou para muito ser amado por nós. É isso que Moisés declarava a seu povo: “E agora ó Israel o que te pede o Senhor senão que temas o Senhor Deus...e o ames? Por isso o primeiro mandamento que nos deu foi este: “Amarás o Senhor, teu Deus, com todo o teu coração”.

Diz São Paulo: “O amor é o pleno cumprimento da lei”. O cumprimento da lei de Deus é o amor. Mas quem poderia deixar de amar um Deus crucificado, que morre por nosso amor?.

São Paulo nos lembra que Jesus Cristo quis morrer por todos nós, para que não vivamos mais para nós, mas somente para Deus! “Ele morreu por todos a fim de que os que vivem não vivam mais para si mas para aquele que por eles morreu”.

Por isso não podemos nos esquecer do nosso fiador, que para satisfazer teus pecados, quis pagar com sua morte a pena que mereces!”. Não esqueçamos os benefícios daquele que se responsabiliza por nós, pois nos deu a vida.

O Senhor nos chama a buscar o amor e pela força do seu amor a graça da salvação. Nos chama a morrer para o pecado e vivermos para Cristo. Precisamos crucificar em sua cruz que é fonte de todas as graças de salvação, os nossos pecados para recebermos todas as virtudes necessárias para nascermos de novo. Recebemos tudo de nosso Senhor Jesus Cristo e a única forma de retribuirmos é também entregando nossas vidas a Ele para sermos transformados, edificados, libertados e santificados por seu poder redentor. É preciso nos dispormos a fazer todos os sacrifícios que precisar para vencer nossas fraquezas e com sua graça sermos vitoriosos buscando a verdadeira conversão por amor a Ele que não poupa sacrifícios por nós. O amor nos ensina o que for preciso e na claridade dessa luz divina vê todos os defeitos de nossas ações para podermos combatê-las. Com o amor de Deus podemos amá-lo e por amor a Ele combatermos nossas fraquezas recebendo os frutos desse amor.



O fim de todo o nosso esforço deve ser, portanto, adquirir amor por Cristo. Os mestres da vida espiritual descrevem os sinais do verdadeiro amor:

- É temeroso, e o seu medo e dar desgosto a Deus.
- É generoso, cheio de confiança em Deus, tudo faz para sua glória.
- É forte, pois resiste a todas as más inclinações mesmo as mais violentas tentações e os mais profundos sofrimentos.
- É obediente, porque procura seguir imediatamente a voz de Deus.
- É puro, amando somente a Deus e so porque Deus merece ser amado.
- É ardente, porque desejaria inflamar todos os corações, vendo os consumidos pelo amor de Deus.
- É arrebatador, pois arrasta a alma e a faz viver como que fora de si mesma, como se não visse, não ouvisse e não tivesse mais os sentidos para as coisas da terra. Atenta em so amar a Deus.
- É unitivo, unindo-se estritamente a vontade da criatura a vontade de seu criador.
- É desejoso, porque enche a alma do desejo de

deixar a terra para unir-se perfeitamente a Deus no paraíso, afim de amá-Lo com todas as suas forças.

Mas ninguém ensina melhor as características e prática da caridade de que São Paulo. Ele diz primeiramente que sem a caridade o homem não é nada, e de nada se aproveita: “Ainda que eu tivesse toda a fé a ponto de transportar montanhas, se não tivesse caridade, não sou nada. Ainda que eu distribuisse todos os meus bens em sustento dos pobres, ainda que entregasse meu corpo para se queimado, se não tiver caridade de nada valerá”. Assim, nos diz esse grande pregador da Rainha das virtudes.

Se distribuisse todos os seus bens aos pobres, se sofresse voluntariamente os martírios, mas sem a caridade, isto é, por uma outra finalidade que não a de agradar a Deus, tudo isso nada lhe valerá. Por isso São Paulo nos indica os sinais da verdadeira caridade e ao mesmo tempo nos ensina a prática das virtudes que são filhas da caridade.

AS VIRTUDES QUE DEVEM SER PRATICADAS POR QUEM AMA JESUS CRISTO PARA ALCANÇAR A CARIDADE

Sofrer com paciência

É preciso sofrer com paciência todas as tribulações desta vida, as doenças, as dores, a pobreza, a perda dos bens, a morte dos parentes, as injúrias, as perseguições e tudo o que nos contraria. Estejamos persuadidos de que os sofrimentos desta vida são sinais do amor de Deus para conosco, e do seu desejo de nos ver salvos no céu. Compreendamos ainda que agradam mais a Deus as mortificações involuntárias enviadas por ele do que as voluntárias que são de nossa escolha.

Nas doenças procuremos resignarmos inteiramente à vontade do Senhor; Com isso agradar-lhe-emos mais do que qualquer outra prática de piedade. Se então não pudermos meditar, olhemos para o crucifixo e ofereçamos a Jesus nossos sofrimentos em união com os que Ele sofreu por nos na cruz.

Quando nos avisarem da aproximação de nossa morte, aceitemo-la em paz em espírito de sacrifício, isto é, com a vontade de morrer para comprazer a Jesus Cristo. Desta entrega à vontade de Deus nasceu todo mérito da morte dos mártires. É preciso, pois, dizer a Deus: “Senhor, eis me aqui: quero o que vos quereis, quero sofrer tudo o que vos aprouver: estou pronto para morrer quando quiserdes”. Não peçamos vida mais longa para fazermos penitência dos nossos pecados, pois a aceitação da morte com plena resignação vale mais do que todas as penitências.

Conformemo-nos também à vontade divina, quando formos provados pela pobreza e por todos os incômodos que ela nos traz consigo: o frio, a fome, o cansaço, as desonras, os desprezos.

É preciso ainda acolher com resignação a perda dos bens, dos parentes e amigos que, vivendo, poderiam fazer-nos o bem. Acostumemo-nos a repetir em todas as coisas que nos contrariam: “Assim Deus quis, assim também eu quero”. Na morte de algum parente, em vez de perdermos tempo chorando sem proveito algum empreguem-lo rezando pelo falecido e ofereçamos a Jesus a dor que sentimos nessa perda.

Esforcemos, enfim, para sofrer com paciência e serenidade os desprezos e as injúrias. A quem nos fala com injúrias respondamos com mansidão; mas, quando nos sentimos agitados, é melhor sofrer e calar até que se tranquilize nosso espírito. Não nos queixemos a outros das injúrias recebidas, mas ofereçamo-las de coração a Jesus Cristo que sofreu tanto por nós.

Mansidão

Sejamos mansos com todos, superiores e inferiores, pessoas distintas e pessoas simples, parentes e estranhos, mas principalmente com os pobres e doentes e mais, especialmente ainda com aqueles que nos vêem com maus olhos.

Ao reprendermos as faltas alheias, a mansidão de nossas palavras é melhor do que todos os outros meios empregados, por isso não o façamos quando estivermos encolerizados, porque sempre a repreensão sairá amarga, seja no que dizemos, seja o modo de dizê-lo. Mas não repreendamos também uma pessoa irritada. A correção serviria mais para exasperá-la do que para fazê-la cair em si.



O desapego das riquezas

Não invejemos os grandes do mundo, a riqueza, as honras, as dignidades, nem os aplausos que recebem dos homens. Tenhamos inveja dos que mais amam a Jesus Cristo, porque vivem certamente mais contentes do que os maiores reis da terra. Agradecemos ao Senhor que nos fez conhecer a vaidade de todos os bens terrenos, que causam a perda de tantas almas.

A vontade de Deus

Em nossas ações e pensamentos, não tenhamos em vista a nossa satisfação, mas somente, a vontade de Deus; por isso, não nos perturbemos quando não somos bem sucedidos em qualquer trabalho. E quando nos saímos bem, não procuremos os aplausos e os agradecimentos dos homens; se, pelo contrário, falam mal de nos, não façamos caso, pois trabalhamos para agradar a Deus e não aos homens.

SERSANTO

Eis os principais meios para se chegar à perfeição:

Primeiro: Evitar todo o pecado deliberado, mesmo leve. Se tivermos a desgraça de cair em alguma falta, cuidado para não ficar perturbados e impacientes conosco mesmos. Devemos fazer com calma um ato de contrição e de amor a Jesus Cristo, prometer-lhe não mais ofendê-lo, e pedir-lhe a graça de lhe sermos fiéis.

Segundo: Desejar chegar-lhe à perfeição dos santos e sofrer tudo para agradar a Jesus Cristo: se não tivermos esse desejo, pedir ao Senhor que no-lo conceda por sua bondade. Sem um verdadeiro desejo de nos santificarmos, não daremos jamais um passo sequer rumo à santidade.

Terceiro: Estar bem resolvido a atingir a perfeição. Sem essa firme resolução, age-se com fraqueza e não se tem a coragem de superar os obstáculos; ao contrário, com o auxílio divino que nunca falta, uma alma resoluta vence tudo.

Quarto: Fazer cada dia duas horas ou, ao menos,

uma hora de oração mental, e nunca omiti-la sem verdadeira necessidade por qualquer aborrecimento, aridez ou agitação, em que nos encontremos.

Quinto: Comungar mais vezes na semana, de acordo com o diretor espiritual. O mesmo se diga das mortificações externas, como jejuns etc. Fazendo alguém tais penitências sem a permissão do diretor espiritual, expor-se-ia a estragar a saúde ou a cair na vã glória. É, pois, necessário que cada um tenha seu diretor espiritual, a fim de submeter-se e obedecer a ele.

Sexto: Rezar continuamente. Recomendar-nos a Jesus Cristo em todas as necessidades. Recorramos também à intercessão de nosso Anjo da Guarda, dos nossos santos padroeiros, e principalmente, da Santíssima Virgem por cujas mãos Deus no dá todas as graças.

Da oração depende todo o nosso bem. Devemos principalmente pedir a Deus, todos os dias, a perseverança na sua graça: quem a pede, recebe; quem não pede não a recebe, e se perde. Precisamos também pedir a Nosso Senhor o seu santo amor e a perfeita conformidade à sua santa vontade. Não esqueçamos de apoiar sempre nossas preces nos méritos de Jesus Cristo. Essas súplicas devemos fazê-las de manhã ao levantar, repeti-las na meditação, na comunhão, na visita ao Santíssimo Sacramento, e também à noite no exame de consciência. Principalmente nas tentações é que temos obrigação de suplicar a ajuda divina para podermos resistir; sobretudo quando somos tentados contra a castidade, invoquemos a Jesus e Maria. Quem reza, vence; quem não reza, é vencido.

A humildade

Quanto à humildade, não nos devemos envaidecer com as riquezas, honras, nobreza, talentos, nem, com nenhuma outra vantagem natural e muito menos ainda com vantagens espirituais, lembrando-nos que tudo é dom de Deus. Devemos, pelo contrário, considerar-nos como os mais indignos dos homens e, conseqüentemente, gostar de nos ver desprezados sem fazermos como os que se dizem os piores de todos e querem ser mais bem tratados que os outros.

Aceitemos as correções com humildade, sem nos desculpar, mesmo quando repreendidos sem razão, contanto que não estejamos obrigados a nos defender para evitar um escândalo.

Guardemo-nos do desejo de aparecer e procurar honras humanas. Tenhamos sempre diante dos olhos a sábia máxima de São Francisco: “Somos na realidade o que somos diante de Deus”. Pior ainda seria procurar na vida religiosa cargos honrosos ou de superioridade. A honra de um religioso é ser o mais humilde de todos; e mais humilde é aquele que abraça as humilhações com mais alegria.

Desapego do coração

Desapeguemos o coração de todas as criaturas. Quem está agarrado a alguma coisa da terra, ainda que mínima, nunca poderá voar e unir-se todo a Deus.

Desapeguemo-nos especialmente de toda a afeição desregrada aos nossos parentes. Dizia São Felipe Neri: “Quanto afeto pomos nas criaturas, tanto tiramos a Deus”. Tratando-se da escolha do estado de vida, devemos precaver-nos contra os parentes, que buscam mais os seus interesses do que o nosso proveito.

Devemos também renunciar ao respeito humano, à vã estima dos homens, e principalmente à nossa vontade própria. É preciso deixar tudo para ganhar tudo: “Tudo por tudo”, como escreve Tomás de Kempis.

Paciência e calma

Não nos irriteemos com nenhum incidente; se às vezes nos vemos surpreendidos pela raiva, recorramos logo a Deus, e abstenhamo-nos de agir e falar, até termos a certeza de que a ira já passou. Por isso é bom que nas orações nos preparemos para todos os contratempos que possam sobrevir, a fim de que, quando acontecerem, não caiamos em falta. Lembremo-nos do que dizia São Francisco de Sales: “Nunca me irritei, sem ter de me arrepender depois”

Aceitar a vontade de Deus

Toda a santidade consiste em amar a Deus, e todo o amor a Deus consiste em fazer a sua vontade. Devemos, pois, acolher sem reserva todas as disposições da Providência a nosso respeito e, conseqüentemente, abraçar em paz tudo o que nos acontece de favorável ou desfavorável, nosso estado de vida, nossa saúde, tudo o que Deus quer. Todas as nossas orações devem ser dirigidas pedindo que ele nos ajude a cumprir sua santa vontade.

Ora, para estarmos seguros de fazer sempre a vontade divina, o segredo é submeter-se cada um à obediência aos seus superiores, se for religioso, e a seu confessor, se for um leigo. Devemos ter por certo o que dizia São Felipe Neri: “Ninguém dará contas a Deus do que fizer por obediência”, entendendo-se que a coisa mandada não seja pecado evidente.

Nas tentações

São dois os remédios contra as tentações: a resignação e a oração. A resignação porque, embora as tentações não venham de Deus, ele as permite para o nosso bem.

Não nos deixemos, portanto, levar pela impaciência, por molestas que sejam elas. Submetamo-nos à vontade de Deus que permite as tentações e, para vencê-las, recorramos à oração que é a mais forte e a mais segura de todas as armas para vencer o inimigo

Os maus pensamentos, por vergonhosos e perversos que sejam, não são pecados, pois só o consentimento neles é que é pecado. Invoquemos os nomes de Jesus e Maria e não seremos jamais vencidos.

No momento da tentação, é bom renovar o propósito de antes morrer do que ofender a Deus; é bom fazer o sinal da cruz, usar água benta, manifestar a tentação ao confessor. Mas, o mais necessário de todos os remédios é a oração, pedindo a Jesus e a Maria auxílio para resistir.

Nas purificações interiores

Na aridez espiritual, são duas as virtudes que devemos particularmente exercitar: a humildade, reconhecendo que merecemos ser tratados assim; a resignação à vontade de Deus, abandonando-nos nos braços de sua infinita bondade. Quando Deus nos consola, preparemo-nos para as tribulações, que ordinariamente seguem as consolações. Quando nos manda a aridez espiritual, resignemo-nos à vontade de Deus e tiremos assim maior proveito da desolação do que da consolação.

Viver Bem

Para vivermos sempre bem, é preciso que gravemos profundamente no espírito certas máximas gerais de vida eterna:

Todas as coisas deste mundo acabam, os prazeres e os sofrimentos; mas a eternidade nunca tem fim.

De que servem, no momento da morte, todas as grandezas deste mundo?

Tudo o que nos vem de Deus, seja prosperidade ou

adversidade, tudo é bom e para o nosso bem.

É preciso deixar tudo para ganhar tudo.

Sem Deus não se pode ter verdadeira paz.

Só uma coisa é necessária: amar a Deus e salvar a

alma.

Só o pecado se deve temer.

Perdido Deus, tudo está perdido.

Quem nada deseja neste mundo, é senhor do mundo inteiro.

Quem reza se salva, quem não reza se condena.

Morra-se, mas se agrade a Deus.

Custe o que custar, Deus nunca será caro.

Para quem mereceu o inferno, todo o sofrimento é leve.

Tudo sofre quem olha para Jesus na cruz.

Tudo o que não se faz para Deus, transforma-se em sofrimento.

Quem só quer Deus, é rico de todos os bens.

Feliz de quem pode dizer de coração: Jesus, eu quero só a vós e nada mais.

Quem ama a Deus, encontrará alegria em todas as coisas; quem não ama a Deus, em nenhuma coisa encontrará verdadeiro prazer.



CONCLUINDO

“A caridade é paciente e bondosa. A caridade não tem inveja, não se ostenta, não se enche de orgulho, não é ambiciosa e não busca os seus próprios interesses. Não se irrita, não guarda rancor, nem se alegra com a injustiça. Mas se regozija com a verdade. Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta (1 Cor 13,1-7).

Vamos considerar estas características da caridade para ver se realmente temos verdadeiro amor a Jesus Cristo. Isto nos fará compreender as virtudes em que devemos nos exercitar para conservar e aumentar em nós esse santo amor.

São Paulo aponta os sinais dados por aqueles que ama verdadeiramente a Jesus Cristo.

São 14 sinais, sinais que vem aparecer em nossas atitudes, vejamos:

- *Quem ama a Jesus Cristo de verdade, ama o sofrimento porque descobre sua dimensão, salvífica e purificadora.*

- *Quem ama a Jesus Cristo não tem inveja dos grandes e poderosos do mundo, mas inveja tão somente o que a amam ardentemente.*

- *Quem ama a Jesus Cristo é manso, porque procura retratar em sua vida aquilo que reluziu na pessoa de Jesus Cristo, a mansidão: “Aprendei de mim que sou manso e humilde de coração.”*

- *Quem ama a Jesus Cristo foge da **tibieza e mediocridade**, porque estas coisas empestam e apagam o amor.*

- *Quem ama a Jesus Cristo ama aquilo que Ele muito amou: a **humildade**. Amar é ser humilde.*

- *Na vida de quem ama a Jesus Cristo não existe **ambição** desmedida pelas coisas materiais. Sua ambição é o próprio Jesus Cristo.*

- *O **despreendimento o desaparego** das coisas desse mundo é a força daquele que ama relamente Jesus Cristo.*

- *Quem ama a Jesus Cristo não conhece o **egoísmo**, mas é totalmente **desprendido de si mesmo**.*

- *A **irritação, a ira** não cabe no coração de quem ama a Jesus Cristo.*

- *Fazer **única e exclusivamente o que Jesus quer que seja feito é a marca** daquele que o ama de verdade.*

- *Quem ama de fato a Jesus Cristo é capaz de suportar todo e qualquer sofrimento por amor a Ele.*

- *Crer no que diz a pessoa amada é **crer** na própria pessoa: E só quem ama **crê**. Então **crer** em tudo o que Jesus disse é amar a Jesus Cristo, dele **espera tudo** e nunca o deixa de amar.*

Olhe e veja. Que sinal ainda falta em você para que ame mesmo a Jesus Cristo?

Encontrando estes sinais e os colocando em prática iremos dar nossa resposta a Deus. Teremos a certeza de que ao amor se chega pela prática. Chega-se ao amor amando, quem ama deseja ser amado, amor exige amor.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA



"AMARÁS O SENHOR, TEU DEUS, DE TODO O CORAÇÃO, DE TODA A ALMA E DE TODO O ENTENDIMENTO"

2051 2083 Jesus resumiu os deveres do homem para com Deus com estas palavras: "Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o coração, de toda a alma e de todo o entendimento" (Mt 22,37); Estas palavras são um eco imediato do apelo solene: "Escuta; Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único" (Dt 6,4-5).

Deus amou primeiro. O amor do Deus único é lembrado na primeira das "dez palavras". Em seguida, os mandamentos explicitam a resposta de amor que o homem é chamado a dar a seu Deus.

ARTIGO 1 O PRIMEIRO MANDAMENTO

Eu sou o Senhor, teu Deus, que te fez sair da terra do Egito, da casa da escravidão. Não terás outros deuses diante de mim. Não farás para ti imagem esculpida de nada que se assemelhe ao que existe lá em cima, nos céus, ou embaixo, na terra, ou nas águas que estão debaixo da terra. Não te prostrarás diante desses deuses, e não os servirás. (Ex 20,25).
Está escrito: "Ao Senhor, teu Deus, adorarás e só a Ele prestarás culto" (Mt 4,10).

I. "Adorarás o Senhor, teu Deus, e o servirás"

2052 2084 Deus se faz conhecer recordando sua ação todopoderosa, benigna e libertadora na história daquele a quem se dirige: "Eu te fiz sair da terra do Egito, da casa da escravidão" (Dt 6,13-14). A primeira palavra

contém o primeiro mandamento da lei: "Adorarás o Senhor, teu Deus, e o servirás. (...) Não seguireis outros deuses" (Dt 6,13-14). O primeiro apelo e a exigência justa de Deus é que o homem o acolha e o adore.

2053 2085 O Deus único e verdadeiro revela sua glória primeiramente a Israel. A revelação da vocação e da verdade do homem está ligada à revelação de Deus. O homem tem a vocação de manifestar Deus agindo em conformidade com sua criação "à imagem e semelhança de Deus" (Gn 1,26):

2054 2086 "O primeiro preceito abrange a fé, a esperança e a caridade. Com efeito, quando se fala de Deus, fala-se de um ser constante, imutável, sempre o mesmo, fiel, perfeitamente justo. Daí decorre que nós devemos necessariamente aceitar suas palavras e ter nele uma fé e uma confiança plena. Ele é Todo-Poderoso, clemente, infinitamente inclinado a fazer o bem. Quem poderia deixar de pôr nele todas as suas esperanças? E quem poderia deixar de amá-lo, contemplando os tesouros de bondade e de ternura que Ele derramou sobre nós? Daí esta fórmula que Deus emprega na Sagrada Escritura, quer no começo, quer no fim de seus preceitos: 'Eu sou o Senhor'."

AFÉ

2055 2087 Nossa vida moral encontra sua fonte na fé em Deus, que nos revela seu amor. S. Paulo fala da "obediência da fé" como da primeira obrigação. Ele vê no "desconhecimento de Deus" o princípio e a explicação de todos os desvios morais. Nosso dever em relação a Deus consiste em crer nele e em dar testemunho dele.

2056 2088 O primeiro mandamento manda-nos alimentar e guardar com prudência e vigilância nossa fé e rejeitar tudo o que se lhe opõe. Há diversas maneiras de pecar contra a fé.

A dúvida voluntária sobre a fé negligencia ou recusa ter como verdadeiro o que Deus revelou e que a Igreja propõe para crer. A dúvida involuntária designa a hesitação em crer, a dificuldade de superar as objeções ligadas à fé ou, ainda, a ansiedade suscitada pela obscuridade da fé. Se for deliberadamente cultivada, a dúvida pode levar à cegueira do espírito.

2057 2089 A incredulidade é a negligência da verdade revelada ou a recusa voluntária de lhe dar o próprio assentimento. "Chama-se heresia a negação pertinaz, após a recepção do Batismo, de qualquer verdade que se deve crer com fé divina e católica, ou a dúvida pertinaz a respeito dessa verdade; apostasia, o repúdio total da fé cristã; cisma, a recusa de sujeição ao Sumo Pontífice ou da comunhão com os membros da Igreja a ele sujeitos."

A ESPERANÇA

2058 2090 Quando Deus se revela e chama o homem, este não pode responder plenamente ao amor divino por suas próprias forças. Deve esperar que Deus lhe dê a capacidade de corresponder a este amor e de agir de acordo com os mandamentos da caridade. A esperança é o aguardar confiante da bênção divina e da visão beatífica de Deus; é também o temor de ofender o amor de Deus e de provocar o castigo.

2059 2091 O primeiro mandamento visa também aos pecados contra a esperança, que são o desespero e a presunção.

Pelo desespero, o homem deixa de esperar de Deus sua salvação pessoal, os auxílios para alcançá-la ou o perdão de seus pecados. O desespero opõe-se à bondade de Deus, à sua justiça porque o Senhor é fiel

2060 2092 Há duas espécies de presunção. Ou o homem presume de suas capacidades (esperando poder salvar-se sem a ajuda do alto), ou então presume da onipotência ou da misericórdia de Deus (esperando obter seu perdão sem conversão e a glória sem mérito).

ACARIDADE

2061 2093 A fé no amor de Deus envolve o apelo e a obrigação de responder à caridade divina por um amor sincero. O primeiro mandamento nos ordena que amemos a Deus acima de tudo e' acima de todas as criaturas, por Ele mesmo e por causa dele.

2062 2094 Pode-se pecar de diversas maneiras contra o amor de Deus: a indiferença negligencia ou recusa a consideração da caridade divina, menospreza a iniciativa (de Deus em nos amar) e nega sua força. A ingratidão omite ou se recusa a reconhecer a caridade divina e a pagar amor com amor. A tibieza é uma hesitação ou uma negligência em responder ao amor divino, podendo implicar a recusa de se entregar ao dinamismo da caridade. A acídia ou preguiça espiritual chega a recusar até a alegria que vem de Deus e a ter horror ao bem divino. O ódio a Deus vem do orgulho. Opõe-se ao amor de Deus, cuja bondade nega, e atreve-se a maldizê-lo como aquele que proíbe os pecados e inflige as penas.

II. "Só a Ele prestarás culto"

2063 2095 As virtudes teológicas da fé, esperança e caridade dão forma às virtudes morais e as vivificam. Assim, a caridade nos leva a dar a Deus aquilo que em toda justiça lhe devemos enquanto criaturas. A virtude da religião nos dispõe a esta atitude.

AADORAÇÃO

2064 2096 A adoração é o primeiro ato da virtude da religião. Adorar a Deus é reconhecê-lo como Deus, como o Criador e o Salvador, o Senhor e o Dono de tudo o que existe, o Amor infinito e misericordioso. "Adorarás o Senhor, teu Deus, e só a Ele prestarás culto" (Lc 4,8), diz Jesus, citando o Deuteronômio (6,13).

2065 2097 Adorar a Deus é, no respeito e na submissão absoluta, reconhecer "o nada da criatura", que não existe a não ser por Deus. Adorar a Deus é, como Maria no Magnificat, louvá-lo, exaltá-lo e humilhar-se a si mesmo, confessando com gratidão que Ele fez grandes coisas e que seu nome é santo. A adoração do Deus único liberta o homem de se fechar em si mesmo, da escravidão do pecado e da idolatria do mundo.

AORAÇÃO

2066 2098 Os atos de fé, de esperança e de caridade ordenados pelo primeiro mandamento cumprem-se na oração. A elevação do espírito para Deus é expressão da adoração que lhe rendemos: prece de louvor e de ação de graças, de intercessão e de súplica. A oração é uma condição indispensável para poder obedecer aos mandamentos de Deus. "É preciso orar sempre. sem jamais esmorecer" (Lc 18,1).

OSACRIFÍCIO

2067 2099 É justo oferecer a Deus sacrifícios em sinal de adoração e de reconhecimento, de súplica e de comunhão: "E verdadeiro sacrifício toda ação feita para se unir a Deus em santa comunhão e poder ser feliz"

2068 2100 Para ser verídico, o sacrifício exterior deve ser a expressão do sacrifício espiritual: "Meu sacrifício é um espírito compungido..." (Sl 51,19).

RESUMINDO

2069 2133 "Amarás o Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas

forças" (Dt 6,5).

2070 2134 O primeiro mandamento convida o homem a crer em Deus, a esperar nele e a amá-lo acima de tudo.

2071 2135 "Adorarás o Senhor teu Deus" (Mt 4,10). Adorar a Deus, orar a Ele, oferecer-lhe o culto que lhe é devido, cumprir as promessas e os votos que foram fritos a Ele são os atos da virtude de religião que nascem da obediência ao primeiro mandamento.

2072 2136 O dever de prestar um culto autêntico a Deus incumbe ao homem, tanto individualmente como em sociedade.

2073 2137 O homem deve "poder professar livremente a religião, tanto em particular como em público"

2074 2138 A superstição é um desvio do culto que rendemos ao verdadeiro Deus. Ela se mostra particularmente na idolatria, assim como nas diferentes formas de adivinhação e de magia.

2075 2139 A ação de tentar a Deus, em palavras ou em atos, o sacrilégio, a simonia são pecados de irreligião proibidos pelo primeiro mandamento.

2076 2140 Enquanto rejeita ou recusa a existência de Deus, o ateísmo é um pecado contra o primeiro mandamento.

2077 2141 O culto às imagens sagradas está fundamentado no mistério da encarnação do Verbo de Deus. Não contraria o primeiro mandamento.

CARTA ENCÍCLICA DO SUMO PONTÍFICE BENTO XVI



Nós cremos no amor de Deus — deste modo pode o cristão exprimir a opção fundamental da sua vida. Ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo. No seu Evangelho, João tinha expressado este acontecimento com as palavras seguintes: « Deus amou de tal modo o mundo que lhe deu o seu Filho único para que todo o que n'Ele crer (...) tenha a vida eterna » (3, 16). Com a centralidade do amor, a fé cristã acolheu o núcleo da fé de Israel e, ao mesmo tempo, deu a este núcleo uma nova profundidade e amplitude. O crente israelita, de facto, reza todos os dias com as palavras do *Livro do Deuteronômio*, nas quais sabe que está contido o centro da sua existência: « Escuta, ó Israel! O Senhor, nosso Deus, é o único Senhor! Amarás ao Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças » (6, 4-5). Jesus uniu — fazendo deles um único preceito — o mandamento do amor a Deus com o do amor ao próximo, contido no *Livro do Levítico*: « Amarás o teu próximo como a ti mesmo » (19, 18; cf. *Mc* 12, 29-31). Dado que Deus foi o primeiro a amar-nos (cf. *1 Jo* 4, 10), agora o amor já não é apenas um « mandamento », mas é a resposta ao dom do amor com que Deus vem ao nosso encontro.

O amor compreende a totalidade da existência em toda a sua dimensão, inclusive a temporal. Nem poderia ser de outro modo, porque a sua promessa visa o definitivo: o amor visa a eternidade. Sim, o amor é « êxtase »; êxtase, não no sentido de um instante de inebriamento, mas como caminho, como êxodo permanente do eu fechado em si mesmo para a sua libertação no dom de si e, precisamente dessa forma, para o reencontro de si mesmo, mais ainda para a descoberta de Deus: « Quem procurar salvar a vida, perdê-la-á, e quem a perder, conservá-la-á » (*Lc* 17, 33) — disse Jesus; afirmação esta que se encontra nos Evangelhos com diversas variantes (cf. *Mt* 10, 39; 16, 25; *Mc* 8, 35; *Lc* 9, 24; *Jo* 12, 25). Assim descreve Jesus o seu caminho pessoal, que O conduz, através da cruz, à ressurreição: o caminho do grão de trigo que cai

na terra e morre e assim dá muito fruto. Partindo do centro do seu sacrifício pessoal e do amor que aí alcança a sua plenitude, Ele, com tais palavras, descreve também a essência do amor e da existência humana em geral.

17. Com efeito, ninguém jamais viu a Deus tal como Ele é em Si mesmo. E, contudo, Deus não nos é totalmente invisível, não se deixou ficar pura e simplesmente inacessível a nós. Deus amou-nos primeiro — diz a *Carta de João* citada (cf. 4, 10) — e este amor de Deus apareceu no meio de nós, fez-se visível quando Ele « enviou o seu Filho unigênito ao mundo, para que, por Ele, vivamos » (1 Jo 4, 9). Deus fez-Se visível: em Jesus, podemos ver o Pai (cf. Jo 14, 9). Existe, com efeito, uma múltipla visibilidade de Deus. Na história de amor que a Bíblia nos narra, Ele vem ao nosso encontro, procura conquistar-nos — até à Última Ceia, até ao Coração trespassado na cruz, até às aparições do Ressuscitado e às grandes obras pelas quais Ele, através da ação dos Apóstolos, guiou o caminho da Igreja nascente. Também na sucessiva história da Igreja, o Senhor não esteve ausente: incessantemente vem ao nosso encontro, através de homens nos quais Ele Se revela; através da sua Palavra, nos Sacramentos, especialmente na Eucaristia. Na liturgia da Igreja, na sua oração, na comunidade viva dos crentes, nós experimentamos o amor de Deus, sentimos a sua presença e aprendemos deste modo também a reconhecê-la na nossa vida quotidiana. Ele amou-nos primeiro, e continua a ser o primeiro a amar-nos; por isso, também nós podemos responder com o amor. Deus não nos ordena um sentimento que não possamos suscitar em nós próprios. Ele ama-nos, faz-nos ver e experimentar o seu amor, e desta « antecipação » de Deus pode, como resposta, despontar também em nós o amor.

No desenrolar deste encontro, revela-se com clareza que o amor não é apenas um sentimento. Os sentimentos vão e vêm. O sentimento pode ser uma maravilhosa centelha inicial, mas não é a totalidade do amor. Ao início, falamos do processo das purificações e amadurecimentos, pelos quais o *eros* se torna plenamente ele mesmo, se torna amor no significado cabal da palavra. É próprio da maturidade do amor abranger todas as potencialidades do homem e incluir, por assim dizer, o homem na sua totalidade. O encontro com as manifestações visíveis do amor de Deus pode suscitar em nós o sentimento da alegria, que nasce da experiência de ser amados. Tal encontro, porém, chama em causa também a nossa vontade e o nosso intelecto. O reconhecimento do Deus vivo é um caminho para o amor, e o sim da nossa vontade à d'Ele une intelecto, vontade e sentimento no acto globalizante do amor. Mas isto é um processo que permanece continuamente em caminho: o amor nunca está « concluído » e completado; transforma-se ao longo da vida, amadurece e, por isso mesmo, permanece fiel a si próprio. *Idem velle atque idem nolle* [9] — querer a mesma coisa e rejeitar a mesma coisa é, segundo os antigos, o autêntico conteúdo do amor: um tornar-se semelhante ao outro, que leva à união do querer e do pensar. A história do amor entre Deus e o homem consiste precisamente no facto de que esta comunhão de vontade cresce em comunhão de pensamento e de sentimento e, assim, o nosso querer e a vontade de Deus coincidem cada vez mais: a vontade de Deus deixa de ser para mim uma vontade estranha que me impõem de fora os mandamentos, mas é a minha própria vontade, baseada na experiência de que realmente Deus é mais íntimo a mim mesmo de quanto o seja eu próprio. [10] Cresce então o abandono em Deus, e Deus torna-Se a nossa alegria (cf. *Sal* 73/72, 23-28).

IMITAÇÃO DE CRISTO

“Bem-aventurado aquele que conhece o que é amar a Jesus e desprezar-se a si mesmo, por amor de Jesus !

É necessário por este amigo renunciar a qualquer outro; pois Jesus quer ser amado só, acima de tudo.

Falaz e volúvel é o amor das criaturas; fiel e constante o de Jesus.

Quem se prende à criatura será arrastado por ela em sua queda. Quem se abraça com Jesus, perseverará firme.

Ama-o e conserva-o como teu amigo, a ele que, quando todos te abandonem, não te desampará, nem consentirá que pereças eternamente.

De todas as coisas terás um dia que te separar, queiras ou não”.

“Arrastados pelo encanto das coisas sensíveis, procuramos nosso bem nas criaturas, que nos fogem e desaparecem como sombras.

Queremos amar e ser amados; e apartamo-nos da fonte do verdadeiro amor, do amor infinito.

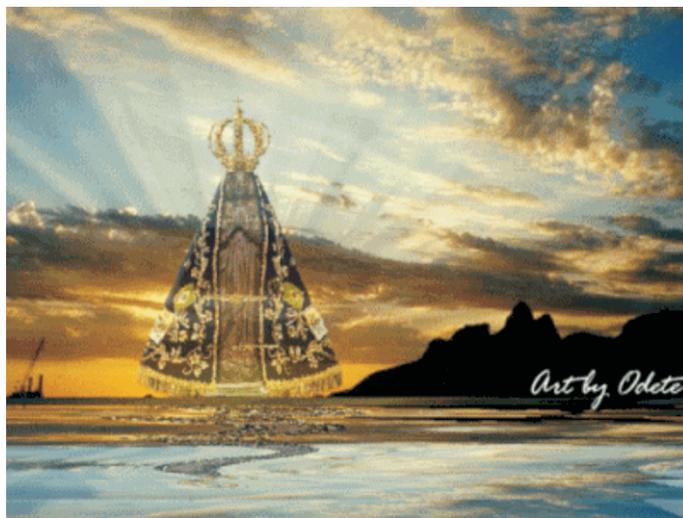
Entendamos enfim quão insensatos somos em nos afeiçoarmos ao que é frágil e percedouro, e quão vãs são essas amizades mundanas, que se esvaecem com os anos, mudam com os interesses, e às vezes, degeneram em ódios e malquerenças!

Amemos a Jesus com todas as veras a ele só demos nosso coração; amemo-lo como ele nos ama e quer ser amado. “A medida para amar a Jesus, diz São Bernardo, é amá-lo sem medida”.

Infeliz o que lhe prefere outra coisa! Seus desejos levam-no pelo caminho da perdição! ...

Oh ! meu divino Salvador, amor de minha alma, reina nela; apagai em meu coração o fogo do amor profano para que só a vós ame, em vos amar me compraza, e por vosso amor mereça a felicidade e eterna”.

NOSSA SENHORA APARECIDA



“Entre os dias 17 e 30 de Outubro de 1.717, no rio Paraíba, foi achada por três pescadores uma pequena imagem de Nossa Senhora da Conceição, que se tornou objeto de devoção do povo daquela região. O nome popular dado à imagem pelo povo foi “Nossa Senhora Aparecida”.

A devoção a Nossa Senhora Aparecida se espalhou pelo Brasil atraindo peregrinos de todos os recantos da Pátria. Em 1.917, a imagem foi coroada solenemente no jubileu de 200 anos do seu encontro. Em 1.930, a Senhora da Conceição, com o título de Aparecida, foi declarada Padroeira do Brasil.

O povo, desde cedo, percebeu que a devoção Mariana mais que rezar à Maria, consiste em rezar com Maria. Ela faz

parte do Evangelho e toma parte no mistério da encarnação do Filho de Deus como serva, na qual se cumpre a vontade de Deus. Em seu santuário na cidade de Aparecida (SP), a afluência do povo nunca cessou e o povo brasileiro ali recorda os benefícios recebidos com a invocação da Mãe de Deus”.

A Festa de Nossa Senhora Aparecida é celebrada no dia 12 de Outubro.

DEVOÇÃO A MARIA SANTÍSSIMA, MÃE DE DEUS:

“Entre os santos de Deus está, em primeiro lugar, Maria, a mãe de Jesus (Mateus 2,1; Marcos 3,32; Lucas 2,48; João 19,25). É, portanto, com a Bíblia na mão que louvamos Maria, chamando-a de bem-aventurada. Nós, cristãos católicos, veneramos Maria porque Deus a escolheu para ser a mãe de seu filho Jesus, nosso único redentor e salvador. O culto a Maria está fundado na Palavra de Deus, que afirma: "Isabel cheia do Espírito Santo exclamou: bendita és tu entre as mulheres, e bendito é o fruto do teu ventre ... Bem-aventurada aquela que acreditou porque vai acontecer o que o Senhor lhe prometeu" (Lucas 1,41-42;45). Se o Espírito Santo inspira Isabel para reconhecer Maria como Bem-aventurada, recusar fazê-lo não seria contradizer a inspiração do Espírito de Deus? Maria recebeu de Deus a plenitude da graça e, por esta razão, é saudada pelo Anjo como "cheia de graça" (Lucas 1,28). A mesma Maria, reconhecendo sua pequenez de serva agraciada por Deus, reconhece: “Todas as gerações me chamarão de bem-aventurada" (Lucas 1,48).

Durante toda sua vida, até a última provação, quando Jesus seu filho morre na cruz diante dela, sua fé não vacilou, Maria não cessou de crer no cumprimento da Palavra, das promessas de Deus. Por isso a Igreja venera em Maria a realização mais pura da fé (CIC 149). Nós amamos o Filho de Maria, Jesus Cristo, "autor e consumador da fé" (Hebreus 12,2). Devemos, portanto, amar sua mãe, sua fiel discípula, a primeira que nele acreditou, dando sua adesão ao plano de Deus, quando o Anjo lhe anunciou que seria mãe do Salvador.

A devoção à Virgem Maria é "intrínseca ao culto cristão" (Vaticano II - LG 62). Porém, o culto à Maria, mesmo sendo inteiramente singular, difere essencialmente do culto que se presta à Santíssima Trindade. Ao Deus uno e Trino Pai, Filho e Espírito Santo, nós adoramos. Enquanto Maria nós veneramos. Este culto de veneração toda especial à Maria se justifica porque ela é reconhecida como Mãe de Jesus, o Filho de Deus e, antes do seu nascimento, Maria é saudada como "a Mãe do meu Senhor" (Lucas 1,43). O Concílio de Éfeso, no ano de 431, reconheceu Maria como Mãe de Deus: Mãe de Jesus, Deus encarnado. Por isso, a Igreja assim a venera com especial devoção.

Para Maria damos inúmeros títulos: Nossa Senhora das Graças, de Lourdes, Aparecida, Fátima, do Carmo, da Penha ... Mas é sempre a mesma Maria de Nazaré, a Mãe de Jesus que a Bíblia nos apresenta toda de Deus (Lucas 1,38), toda do povo (Lucas 1, 39.52- 53.56), orando com a Igreja (Atos 1,14). Foi Jesus que, morrendo na cruz, entregou sua mãe à Igreja na pessoa do discípulo João que, junto com Maria, estava aos pés da cruz: "Eis aí tua mãe" (João 19,27). E o discípulo a levou para sua casa. A casa do discípulo, nós sabemos, é a comunidade, a Igreja. Maria é, portanto, presença materna na comunidade dos que acreditam em Jesus.

O exemplo de Maria não afasta de Jesus, pelo contrário, arrasta a humanidade para a adoração de seu Filho: "Fazei tudo o que Ele vos disser" (João 2,5). Eis o que nos ensina Maria; é sua última palavra na Bíblia, é seu testamento. Maria faz eco à Palavra do Pai quando da transfiguração de Jesus: "Este é o meu filho amado, que muito me agrada. Escutem o que ele diz" (Mateus 17,5).

Concluimos que o culto à Maria é bíblico, nele não há idolatria. A devoção à Maria nos leva a Jesus, à comunhão com Ele, Jesus é a meta de toda devoção Mariana. A alegria de

Maria é que aceitemos e sigamos Jesus, como assim ela o fez.

Maria não é o centro da fé, o centro é Jesus. Porém, Maria faz parte do centro da fé porque faz parte, de forma única, da vida de Jesus. Mãe e Filho estão ligados no plano de Deus e não podem ser separados; não se pode reconhecer o Filho e não reconhecer a Mãe. Aceitemos a vontade de Deus, aceitemos o presente que Ele nos dá: MARIA”.

ORAÇÃO DE CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA APARECIDA:



“Ó Maria Santíssima, que em vossa querida Imagem de Aparecida espalhais inúmeros benefícios sobre todo o Brasil; eu, embora indigno de pertencer ao número dos vossos filhos e filhas, mas cheio do desejo de participar dos benefícios de vossa misericórdia, prostrado a vossos pés, consagro-vos meu entendimento, para que sempre

pense no amor que mereçais.

Consagro-vos minha língua, para que sempre vos louve e propague vossa devoção. Consagro-vos meu coração, para que, depois de Deus, vos ame sobre todas as coisas. Recebei-me, ó Rainha incomparável, no ditoso número de vossos filhos e filhas. Acolhei-me debaixo de vossa proteção.

Socorrei-me em todas as minhas necessidades espirituais e temporais e, sobretudo, na hora de minha morte. Abençoi me, ó Mãe Celestial, e com vossa poderosa intercessão fortalecei-me em minha fraqueza, a fim de que, servindo vos fielmente nesta vida, possa louvar-vos, amar-vos e dar vos graças no céu, por toda eternidade. Assim seja”.

Bibliografia:

Livros:

- 1) "Imitação de Cristo" - Livro Segundo – Capítulo VII – “Do amor de Jesus sobre todas as coisas”
- 2) Devoção a Maria Santíssima, Mãe de Deus - Cônego Pedro Carlos Cipolini

Informativo:

Instituto de Música Santa Cecília

Teclado - Contra-Baixo - Violão - Guitarra
Bateria - Canto - Musicalização Infantil

Fone: (19) 3241-7706

Aulas aos sábados

Edição e Publicação:



Associação Filhos de Jesus e Maria

www.afjm.org.br

Tiragem: 100 exemplares